

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ

ESTHER ALVES GOMES DE ARAÚJO LANDIM

**LANGSTON HUGHES E A EXPRESSÃO DA EXPERIÊNCIA AFRO-
AMERICANA ATRAVÉS DA POESIA E DA PROSA**

**CORRENTE/PI
2025**

ESTHER ALVES GOMES DE ARAÚJO LANDIM

**LANGSTON HUGHES E A EXPRESSÃO DA EXPERIÊNCIA
AFRO-AMERICANA ATRAVÉS DA POESIA E DA PROSA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura Plena em Letras – Inglês da
Universidade Estadual do Piauí como requisito
parcial à conclusão do curso, sob a orientação do
Prof. Esp. Rafael Francisco de Sousa.

**CORRENTE/PI
2025**

FOLHA DE APROVAÇÃO

**LANGSTON HUGHES E A EXPRESSÃO DA EXPERIÊNCIA AFRO-
AMERICANA ATRAVÉS DA POESIA E DA PROSA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APROVADO EM ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof.
Presidente

Prof.
Membro

Prof.
Membro

Dedico este trabalho ao meu esposo Victor Hugo e à minha família, em especial meus pais Raimundo Costa e Marinélia, e minhas irmãs Déborah e Ruth Léia, cujo apoio e incentivo foram essenciais para esta conquista.

*Let America be America again.
Let it be the dream it used to be.
Let it be the pioneer on the plain
Seeking a home where he himself is free.*

(America never was America to me.)

*Let America be the dream the dreamers dreamed—
Let it be that great strong land of love
Where never kings connive nor tyrants scheme
That any man be crushed by one above.*

(It never was America to me.)

*O, let my land be a land where Liberty
Is crowned with no false patriotic wreath,
But opportunity is real, and life is free,
Equality is in the air we breathe.*

*(There's never been equality for me,
Nor freedom in this "homeland of the free.") [...].*

Langston Hughes

AGRADECIMENTOS

A Deus, que é a razão de tudo. "Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém." Romanos 11:36.

À minha família, em especial esposo, pais e irmãs pelo apoio incondicional, paciência e incentivo ao longo desta jornada.

Aos meus amigos, que estiveram ao meu lado nos momentos de desafio, oferecendo palavras de motivação e companheirismo.

Aos meus professores e orientadores, cuja dedicação e conhecimento foram fundamentais para minha formação acadêmica e profissional.

Com gratidão e carinho,

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a poesia de Langston Hughes no contexto da Renascença do Harlem, um movimento cultural e intelectual que floresceu na década de 1920 e que teve um impacto significativo na afirmação da identidade negra nos Estados Unidos. A pesquisa explora como Hughes, como um dos principais expoentes desse movimento, utilizou sua poesia para reescrever a história da diáspora africana, destacando a busca pela reconquista da identidade e das raízes culturais dos negros. A partir de sua obra, Hughes representa uma das vozes mais poderosas na promoção de uma cultura negra autêntica e na denúncia das desigualdades sociais. A pesquisa se fundamenta nas contribuições teóricas de autores como Bernd (2003), que discute a questão da identidade na literatura negra, e Smith e Watson (1998), que abordam a representação cultural de sujeitos marginalizados. Além disso, as reflexões de Alain Locke e W.E.B. Du Bois sobre a negritude e a valorização da cultura afro-americana enriquecem a análise, pois ambos defendem a importância da afirmação cultural negra como forma de resistência à dominação branca. A metodologia utilizada é qualitativa, com foco na análise de poemas-chave de Hughes, como "I, too" para compreender como sua obra dialoga com as questões sociais e políticas de sua época. Conclui-se que a poesia de Langston Hughes, inserida no contexto da Renascença do Harlem, não apenas denuncia as desigualdades raciais e a opressão, mas também afirma a importância da identidade negra e se torna uma forma de resistência cultural.

Palavras-chave: Renascença do Harlem. Identidade negra. Langston Hughes. Literatura de resistência.

ABSTRACT

This work aims to analyze the poetry of Langston Hughes in the context of the Harlem Renaissance, a cultural and intellectual movement that flourished in the 1920s and had a significant impact on the affirmation of Black identity in the United States. The research explores how Hughes, as one of the movement's key figures, used his poetry to rewrite the history of the African diaspora, highlighting the search for the reconquest of identity and cultural roots of Black people. Through his work, Hughes represents one of the most powerful voices in promoting authentic Black culture and denouncing social inequalities. The research is grounded in the theoretical contributions of authors such as Bernd (2003), who discusses the issue of identity in Black literature, and Smith and Watson (1998), who address the cultural representation of marginalized subjects. Additionally, the reflections of Alain Locke and W.E.B. Du Bois on Blackness and the valorization of African American culture enrich the analysis, as both advocate for the importance of cultural affirmation as a form of resistance to white domination. The methodology used is qualitative, focusing on the analysis of key poems by Hughes, such as "I, too," to understand how his work engages with the social and political issues of his time. It is concluded that Langston Hughes' poetry, within the context of the Harlem Renaissance, not only denounces racial inequalities and oppression but also affirms the importance of Black identity and becomes a form of cultural resistance.

Keywords: Harlem Renaissance; Black identity; Langston Hughes; Literature of resistance.

LISTA DE QUADROS

Tabela 01-**Poema I sing too America**

Tabela 02 - **Poema Justice**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO
2 RENASCIMENTO DO HARLEM.....
2.1 Os Pensadores do Renascimento do Harlem
3 COMPREENDENDO NEGRITUDE E IDENTIDADE NA POESIA DE LANGSTON HUGHES.....
4 REFLEXOS DA POESIA DE HUGHES.....
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....

1 INTRODUÇÃO

As décadas de 1920 e 1930 nos Estados Unidos foram marcadas por intensas transformações sociais, econômicas e culturais. Esses anos, conhecidos como os "Loucos Anos 20" e posteriormente atravessados pela Grande Depressão, refletiram os contrastes de uma sociedade em ebulação. Por um lado, o avanço tecnológico e o otimismo econômico proporcionaram a ascensão de novos estilos de vida e consumo. Por outro, a persistente disparidade social e as tensões raciais destacaram a exclusão de grandes parcelas da população, sobretudo os afro-americanos.

O racismo, uma realidade dolorosa e estrutural, moldou de forma significativa as experiências e oportunidades dos afro-americanos, impactando profundamente suas vidas. Em resposta a esse cenário, diversos intelectuais e artistas negros emergiram como vozes fundamentais na luta por direitos e na preservação da história e identidade negra. Entre eles, Langston Hughes que se destacou como precursor na abordagem da temática social negra em sua poesia e prosa.

Langston Hughes foi uma figura central da Renascença do Harlem, movimento literário, artístico e político que floresceu em Nova Iorque, promovendo a autoafirmação da negritude e a valorização da cultura afro-americana. Sua escrita, rica em perspectivas e experiências, capturou os ritmos da vida urbana, as lutas por igualdade racial e as complexidades da identidade negra em uma sociedade segregada.

Nesse contexto de contrastes e desafios, o presente estudo tem como objetivo explorar as obras literárias do poeta Langston Hughes, um dos mais destacados representantes da Renascença do Harlem.

Estudar esse período histórico e a obra de Hughes é essencial para compreender questões sociais que permanecem relevantes na contemporaneidade. Seus textos não apenas retratam a realidade da população negra de sua época, mas também ecoam temas universais que continuam a inspirar debates e reflexões.

Assim, este trabalho busca examinar a vida, a obra e o legado de Langston Hughes, analisando seu impacto na literatura e na sociedade americana, além de investigar como suas ideias e escritos permanecem atuais, dialogando com novas gerações de leitores e pensadores.

2 RENASCIMENTO DO HARLEM

Em meados de 1920, surgia nos Estados Unidos, um movimento cultural que mudaria os contornos sociais das próximas décadas, a efervescência foi delimitada geograficamente ao bairro do Harlem em Nova York. Historicamente, o Harlem foi habitado predominantemente por pessoas negras. Após, a divisão ficta do país entre norte e sul, com o Sul caracterizando-se por ser uma região escravagista agrária e rudimentar e o Norte uma região industrial, abolicionista e progressista, a maioria dos negros escravizados almejavam ir para o norte e os que lá já estavam lutavam por melhorias sociais e foram agrupando-se no Harlem, formando uma comunidade negra no Harlem. Esse movimento dentro do território dos Estados Unidos foi denominado de *Great Migration*.

Segundo Cardoso (2018, p. 02):

Nesse período, no Sul dos Estados Unidos, predominavam leis segregacionistas que delimitavam territórios de acordo com a raça e institucionalizavam a condição subjugada da população negra. Linchamentos, enforcamentos, barreiras raciais e a ausência de qualquer perspectiva de melhoria econômica ou social faziam parte da realidade cotidiana dos afro-americanos. Em outras palavras, as desigualdades raciais estavam presentes em praticamente todos os aspectos da vida das pessoas negras que viviam no Sul.

Cardoso (2018, p. 04), esmiuça melhor os motivos da migração em massa:

Os motivos para a migração podem ser divididos em motivos econômicos e não econômicos. Dentro das motivações econômicas, pode-se falar nas privações que os afro-americanos sofriam no Sul: os homens estavam destinados à trabalhos não-qualificados e as mulheres aos serviços domésticos. Com o fim da 1º Guerra Mundial, em 1918, os Estados Unidos restringiram ainda mais as políticas de imigração e empregadores do Norte começaram a considerar a mão-de-obra barata de funcionários do Sul do país, em detrimento da mão de obra europeia. Os afro-americanos que residiam no Sul, lidando com a reorganização das atividades agrícolas e também a mecanização das fazendas, viram no Norte a oportunidade de desfrutarem de novas possibilidades econômicas. Já os motivos não-econômicos estão ligados à questões sociais enfrentadas pelos negros que residiam naquela região dos Estados Unidos. O Sul era regido pelas chamadas Jim Crow Laws, que reforçavam a segregação racial na região e que perduraram entre 1876 e 1965. Devido a estas leis, afro-americanos tiveram seus direitos civis e políticos retirados, direitos esses que tinham acabado de ser garantidos durante o período da Reconstrução, através de legislações que buscavam justamente lhes dar mais participação civil, política, econômica e cultural após a escravidão e Guerra Civil Americana.

Esse movimento migratório, tecnológico, econômico e cultural pavimentou o caminho para o surgimento do Renascimento do Harlem, um movimento que marcou

a valorização da identidade negra em suas mais variadas formas — nas artes, na poesia, na música, na história e em outras manifestações culturais. Mais do que uma expressão artística, o Renascimento do Harlem foi um ato de resistência frente às dificuldades e ao racismo prevalentes, especialmente no Sul dos Estados Unidos.

As péssimas condições de vida no Sul e a possibilidade de uma vida melhor no Norte fizeram com que muitas pessoas se concentrassem no Harlem.

De acordo com o historiador Tyler (1992, p.12):

O Harlem Renaissance foi parte de um grande movimento pelo pluralismo social, étnico, religioso e cultural e pela democracia que se intensificou como resultado da agitação causada pelos deslocamentos da Primeira Guerra Mundial. [...] O Harlem Renaissance foi parte integrante deste movimento para desafiar e desmantelar a cultura vitoriana e o racismo pseudocientífico. (TYLER, 1992, p. 12) Tradução nossa.

Por meio desse movimento, o protagonismo negro alcançou destaque em diversas áreas artísticas, como literatura, música, pintura e teatro, com o objetivo de dar visibilidade às questões da população afro-americana, expressar orgulho racial e afirmar a humanidade de forma contundente. A arte tornou-se uma poderosa ferramenta não apenas para denunciar a discriminação, mas também para celebrar e valorizar a rica herança cultural negra. Assim, o Renascimento do Harlem estabeleceu um novo espaço de resistência e afirmação no cenário cultural norte-americano, consolidando-se como um marco na luta por igualdade e justiça.

2.1 Os pensadores do Renascimento do Harlem

Os historiadores costumam adotar para a sociedade da época a figura do velho negro e do novo negro. Para Locke (1925) a representação do "velho negro" no começo do século XX era algo que se assemelhava mais com uma "ficção histórica" do que com a realidade em que a população negra americana vivia, sendo essa representação feita de modo estereotipado.

Alain Locke, filósofo e professor da Universidade de Howard, desempenhou um papel crucial na criação do conceito de "New Negro", uma ideia revolucionária que buscava enfatizar e valorizar as raízes culturais e raciais dos negros. Locke acreditava que, embora a discriminação enfrentada pela população negra fosse uma evidência de opressão, ela também poderia ser vista como uma oportunidade para

fortalecer a identidade negra e ressaltar a importância da cultura afro-americana no contexto social e cultural dos Estados Unidos.

Em sua obra seminal *The New Negro*, Locke (1925, p.136) argumentou que os negros deveriam abraçar sua herança cultural e, a partir disso, redefinir seu papel na sociedade americana:

The American Negro must remake his past in order to make his future. Though it is orthodox to think of America as the one country where it is unnecessary to have a past. What is a luxury for the nation as a whole becomes a prime social necessity for the Negro. For him, a group tradition must supply compensation for persuction, and pride of race the antidote for prejudice. Histroy must restore what slavery took away, for it is the social damage of slavery that the presente generations must repair and offset. So among the rising democratic millions we find the Negro thinking more collectively, more retrospectively than the rest, and apt out of the very pressure of the presente to become the most enthusiastic antiquarian of them all.¹

Ele defendia que a participação ativa no campo das artes, da literatura e da música não só permitiria a construção de uma nova imagem para os negros, mas também contribuiria para a valorização de toda a cultura americana. Para Locke (1925), a afirmação da identidade negra deveria ser motivo de orgulho, funcionando como um fator de coesão social, especialmente em um contexto em que os negros eram frequentemente marginalizados e suas culturas eram apagadas ou distorcidas.

Locke (1925) acreditava que essa nova identidade não era apenas um movimento de autoafirmação, mas também uma força transformadora capaz de promover mudanças sociais e políticas, com um forte apelo à conquista de uma cidadania plena e igualitária para os negros.

Segundo Cardoso (2020, p.7):

Locke diz que, por gerações e gerações, o negro na América era visto muito mais como uma fórmula do que como um ser humano. Ele comenta a *Great Migration* e diz que afro-americanos rumaram para o Norte porque viram a oportunidade de liberdade social e econômica e uma chance de melhorar suas condições de vida num ambiente mais democrático. O escritor diz que, na caminhada para o Norte, os negros não estavam indo apenas do campo para a cidade, mas sim da América medieval para a América moderna.

¹ O negro americano deve refazer seu passado para construir seu futuro. Embora seja comum pensar na América como o único país onde não é necessário ter um passado. O que é um luxo para a nação como um todo torna-se uma necessidade social primordial para o negro. Para ele, uma tradição de grupo deve fornecer compensação pela perseguição, e o orgulho racial o antídoto para o preconceito. A história deve restaurar o que a escravidão tirou, pois é o dano social da escravidão que as gerações presentes devem reparar e compensar. Assim, entre os milhões democráticos em ascensão, encontramos o negro pensando de forma mais coletiva, mais retrospectiva do que os outros, e, devido à pressão do presente, é provável que se torne o mais entusiástico antiquário de todos.

Além disso, Locke (1925) criticava profundamente as falhas da sociedade americana, particularmente no sistema educacional, que minimizava ou ignorava o impacto histórico da escravidão e da segregação. Ele via essa omissão como uma forma de alienação cultural que impedia os negros de se reconectarem com sua própria história e identidade.

O movimento da Renascença Negra, do qual Locke foi um dos principais fomentadores, tinha como objetivo corrigir essas distorções históricas, propondo uma nova narrativa que resgatasse e valorizasse o passado negro. Através das artes, especialmente nas produções literárias e musicais de Harlem, o movimento almejava não apenas uma revolução cultural, mas também um passo importante rumo à igualdade e ao reconhecimento social dos negros.

Segundo Durão (2012, p.294):

A obra de Locke serviu para demonstrar que a participação no campo das letras e das artes faria do "novo negro" um ator social, ou seja, participando do ambiente cultural estaria contribuindo para a civilização do país, desse modo ele passava a ser cidadão. Deve-se ressaltar que a construção do "New Negro" está sendo retomada pelos críticos literários como meio de legitimar a democracia norte-americana, ou seja, apoiando-se na questão da formação de uma nova imagem do negro, o ideal de democracia e seu preceito de igualdade seria defendido, apagando as diferenças para se dizer que nunca houve discriminação ou questões raciais problemáticas no país.

O impacto da Renascença Negra ultrapassou as fronteiras dos Estados Unidos, sendo reconhecido também em outras partes do mundo, como nas colônias africanas e na diáspora, onde a valorização da identidade negra tornou-se uma causa comum. Locke e seus contemporâneos deram início a um movimento que, embora inicialmente centrado na cultura, acabou se tornando um precursor das futuras lutas por igualdade racial, criando uma base sólida para as batalhas pelos direitos civis nas décadas seguintes. A ideia do "New Negro", com sua ênfase no orgulho racial e na afirmação da identidade negra, continuaria a influenciar movimentos por direitos civis e pelo reconhecimento da cultura negra, tornando-se um marco na luta pela igualdade e pela dignidade humana.

Retomando o conceito de "novo negro" que Locke (1925) propõe com o surgimento do *Harlem Renaissance*, esse novo entendimento da identidade negra tornou-se possível pelo fortalecimento da autoestima, da autoconfiança e do orgulho de pertencimento racial. O movimento proporcionou um espaço de reunião e expressão para homens e mulheres negras, criando uma base sólida para que

pudessem reivindicar e afirmar sua cultura, seu passado e seu papel na sociedade. Ao reunir intelectuais, artistas e líderes comunitários, o Harlem Renaissance ajudou a redefinir a imagem do negro, afastando-o das representações estereotipadas e promovendo uma nova visão de dignidade, autonomia e valorização da identidade afro-americana.

W.E.B. Du Bois (1903) teve um papel fundamental no Renascimento do Harlem, não apenas como intelectual, mas também como ativista, sendo uma figura central na construção de uma identidade negra nos Estados Unidos, o que influenciou profundamente o movimento cultural do Harlem. Ele acreditava que a arte e a cultura poderiam ser ferramentas de transformação social e racial.

Du Bois (1903) foi um defensor da criação de uma identidade afro-americana genuína e da valorização da cultura negra. Em *The Souls of Black Folk* (1903), ele apresenta o conceito de "dupla consciência", onde os negros americanos vivem divididos entre duas identidades, uma negra e outra branca, e busca como essa tensão pode ser resolvida por meio da afirmação cultural. Como afirma Du Bois: "A questão do século é a questão da cor, a linha de divisão da humanidade"² (DU BOIS, 1903, p. 45, Tradução livre).

Essa frase destaca como a questão racial estava no centro das preocupações de Du Bois (1903), algo que reverberou no Renascimento do Harlem, onde os artistas negros procuravam afirmar sua identidade sem a imposição das normas culturais brancas.

O historiador David Levering Lewis, em sua biografia sobre Du Bois, sublinha como Du Bois foi um dos principais idealizadores do Renascimento do Harlem. Lewis (2009, p. 123) observa que: "Du Bois não apenas viveu para ver a criação do Renascimento do Harlem, mas também ajudou a moldá-lo com suas ideias sobre a arte, a cultura e a importância da educação".

Du Bois, através de sua liderança intelectual na *National Association for the Advancement of Colored People* (NAACP) e do *Niagara Movement*, inspirou uma nova geração de artistas e intelectuais afro-americanos, que procuravam promover uma representação positiva e verdadeira da cultura negra, o que foi central para o Renascimento do Harlem.

² This meaning is not without interest to you, Gentle Reader; for the problem of the Twentieth Century is the problem of the color line.

Além disso, o sociólogo Stuart Hall (1996), ao discutir a construção da identidade negra, observa que Du Bois foi crucial na formação de uma nova forma de consciência racial, que se refletiu no movimento artístico do Harlem. (Hall ,1996, p. 21) escreve: "Du Bois estava profundamente preocupado com as condições de possibilidade para a emergência de uma nova e radical identidade negra".

A ideia de Du Bois sobre a arte negra, como uma expressão legítima e autêntica da experiência negra, também se relaciona com o movimento cultural do Harlem, onde escritores como Langston Hughes e Zora Neale Hurston buscaram representar a vida negra de maneira rica e complexa.

Por outro lado, o crítico literário Charles Johnson (1998) aponta que Du Bois tinha uma visão crítica em relação ao Renascimento do Harlem, especialmente no que se refere à representação da identidade negra: "Viu o Renascimento como uma oportunidade de renovação cultural, mas também como um campo de batalha para o que ele entendia ser a verdadeira identidade negra – aquela que fosse intelectual e politicamente poderosa" (JOHNSON, 1998, p. 110).

Essa visão de Du Bois reflete sua insistência na importância de uma arte que não apenas divertisse, mas que também tivesse um papel político e social. Ele acreditava que os artistas negros deveriam ser agentes de mudança e não apenas reflexos passivos de um cenário cultural dominante.

Portanto, o papel de Du Bois no Renascimento do Harlem foi de mentor intelectual, crítico cultural e defensor da afirmação da identidade negra. Seu trabalho ajudou a moldar o movimento, oferecendo uma base ideológica e teórica para os artistas e pensadores que contribuíram para a renovação cultural que caracterizou essa época.

3 COMPREENDENDO NEGRITUDE E IDENTIDADE NA POESIA DE LANGSTON HUGHES

James Langston Hughes nasceu em 1º de fevereiro de 1902, em Joplin, Missouri, EUA. Antes mesmo de nascer, Langston Hughes foi marcado pelas complexidades das relações de poder e raça, herdadas de sua ascendência: bisavós maternas escravizadas e bisavôs paternos proprietários de escravos no Kentucky.

Langston Hughes aproximou-se das ideias de Alain Locke e do movimento do Renascimento do Harlem, buscando a valorização do negro e servindo como porta voz de uma parcela marginalizada da população estadunidense e recebeu reconhecimento acadêmico ainda em vida, com o lançamento do primeiro livro sobre sua obra em 1930. Ele foi objeto de estudos em programas de pós-graduação e tornou-se o primeiro autor afro-americano de renome internacional.

Langston Hughes foi figura central do Renascimento do Harlem, movimento intelectual e artístico que celebrava a cultura afro-americana. Sua obra inclui contos, romances, autobiografias, peças de teatro, literatura infantil e poesia. Segundo Borges (2007, p. 114-115):

Para Hughes, negro e americano, escrever poesia a partir das formas vernáculas da cultura negra seria corresponder às necessidades de revitalização sentidas pela modernidade americana e, ao mesmo tempo, manter fidelidade ao projecto mais íntimo de promoção social dos “low-down folks³” proposto pelo New Negro.

As poesias de Hughes refletiam a realidade da época de forma que ele conseguiu transmitir com muita veracidade toda a tensão social existente. Segundo Silva e Valente (2012, p. 47):

Em suas poesias, Hughes mostrou com considerável fidelidade a vida dos cidadãos negros nos Estados Unidos naquela época, incluindo suas frustrações. Embora tenha tido problemas com críticos negros e brancos, ele foi um dos primeiros afro-americanos a ganharem a vida com suas palestras e publicações. Hughes usou sua poesia e prosa para ilustrar que não há falta de beleza, força ou poder entre os negros e que, diferente disso, a cultura e as produções artísticas dos afro-descendentes também têm muito a oferecer. Suas produções eram uma forma de protesto contra os excludentes ideais eurocêntricos.

Além disso, a poesia de Hughes também era musical, já que influenciada pela música combatia aqueles que julgavam a cor da pele. Segundo Conceição e Santos (2021, p. 11)

Langston Hughes possuía sua visão perante à importância presente na ancestralidade. O escritor reverenciava o chamado Negro-Spirituals e o Jazz, que se apresentavam como os principais representantes desse legado, que se relaciona inteiramente com a ligação da arte com a ancestralidade. A síntese de seu pensamento pode ser encontrado nas expressões culturais e no canto religioso, e também na defesa do espaço de socialização dos pretos na América, por isso o seu canto de libertação e a

³ No contexto da literatura ou discursos históricos, especialmente em textos que tratam de questões sociais, raciais e econômicas, a expressão "low-down folks" pode ter uma conotação de marginalização, desprezo ou desumanização. Ela pode ser usada para descrever indivíduos ou grupos que são vistos como pertencentes às camadas mais baixas da sociedade, seja em termos econômicos, sociais ou morais.

sua sensibilidade para as questões da cultura e da raça negra. Portanto, temos essa compreensão por completo no poder simbólico de seu poema I, Too da obra The Collected Poems of Langston Hughes, que traz a questão da autoestima preta, a questão da integração do povo preto na sociedade americana e a ruptura da ideia de subordinação.

A obra de Hughes carrega a herança oral e espiritual dos contos e canções dos negros escravizados. Hughes começa escrevendo acerca das memórias dos primórdios da vida negra nos Estados Unidos nessa época era comum os negros nas plantações entoarem cantos para aliviar a dura lida nas plantações de algodão, esses cantos foram denominados *spiritual songs*, eles eram entoados também nas celebrações religiosas da Igreja negra norte-americana.

Segundo Souza (2006, p.197):

A poesia negra de Langston Hughes traduz a melancolia, a dor de ser estranho no seu próprio país. Essa poesia é a própria alma do mundo negro, que se amalgama à consciência do ideal de fraternidade humana para a conquista dos direitos civis, sociais e econômicos, na esperança de um dia nos sentirmos recompensados como negros e pertencermos de fato às Américas.

Para compreensão dos fatos tratados por Hughes, analisa-se o poema *I sing too America*:

Tabela 1 – Poema *I sing too America*

I am the darker brother. They send me to eat in the kitchen. When company comes, But I laugh, And eat well, And grow Strong	Eu também Eu, também, canto América. Eles me mandam comer na cozinha
Tomorrow, I'll be at the table When company comes. Nobody'll dare Say to me, "Eat in the kitchen," Then.	Quando a companhia vem, Mas eu rio, E como bem, E cresço forte. Amanhã, Eu estarei na mesa Quando a companhia vem. Ninguém vai ousar Dizer para mim, "Comer na cozinha," Então.
Besides, They'll see how beautiful I am And be ashamed-	Além disso, Eles vão ver como eu sou belo E terão vergonha
- I, too, am America	Eu também sou a América.

Fonte: Hughes (1994, p.1) (Tradução livre).

Apesar de ser negro e sofrer discriminação social – como expressa nos versos 2 e 3 “*They send me to eat in the kitchen/ When the company comes*” – ele mantém a esperança de que um dia as pessoas se sentirão envergonhadas de seu preconceito e perceberão que, mesmo sendo diferente à primeira vista, o negro é igualmente parte integrante da história dos Estados Unidos, simbolizada por “América” nos versos “*They'll see how beautiful I am/ And be ashamed--/ I, too, am America*”. No poema, Hughes não fala apenas de si, mas dá voz à comunidade negra, que por muito tempo foi colocada à margem, sem espaço ou reconhecimento.

Em “Eu também canto a América”, Hughes (1994) se reconhece como “o irmão mais escuro” da América, destacando a diferença e o desejo de ser reconhecido pelo outro – o branco, que se recusa a admitir a humanidade do negro, a igualdade racial entre os povos e a cidadania do ex-escravizado.

Hughes dá voz ao negro sujeito, firme e consciente de sua humanidade e de seus valores: “Amanhã”, ele se sentará novamente “à mesa” até que o branco se envergonhe diante da “visita” e ceda ao desejo de igualdade do negro.

Assim, ele se afirma como um homem capaz de subverter as regras arbitrárias da “supremacia racial”, sustentada pela “linha de cor” que impedia ou repugnava a ideia de negros se sentarem “à mesa” com os brancos. Esses mesmos brancos, que se alimentavam da comida preparada pelas mãos dos próprios negros e, certamente, dos produtos cultivados por este povo nos campos de plantação.

Langston Hughes é negro e se identifica com os negros que lutaram pelos seus direitos como cidadãos dos Estados Unidos. Ele deseja ser reconhecido pelo branco tanto como negro quanto como americano. Esse desejo se traduz em um momento surpreendente na poesia negra da Diáspora, quando o poeta negro se descreve como belo – algo até então reprimido na consciência de milhões de negros nas Américas: “Além disso, / Eles verão como sou belo”. Hughes (1994, p.1).

O homem que foi escravizado deseja se sentar à mesa com aquele que foi seu senhor, realizar em si, no ser negro, o desejo de ser a própria América, porque o poeta negro “também canta a América”. Ele não quer mais viver na obscuridade do não-pertencimento. Ele é a própria América, tendo contribuídoativamente para a construção tanto dos bens materiais quanto da espiritualidade desse vasto continente e de seu país.

O negro deseja que o branco o reconheça em sua diferença positiva, reivindicando seu direito de pertencimento à América enquanto negro, e de poder

compartilhar com todos os povos, na dor e na alegria, na paz ou na guerra, além de ter acesso às mesmas oportunidades oferecidas ao branco.

Hughes afirma ser negro, forte e bonito, desafiando o estereótipo de feiura historicamente imposto ao negro e contestando a falsa ideia de que o branco seria o único padrão de beleza e inteligência. Em Raça e cor na literatura brasileira, o crítico inglês David Brookshaw (1983) também aborda a ética do “*black is beautiful*”, que emergiu entre os negros norte-americanos na década de 1960, desconstruindo o mito da superioridade da beleza branca e da suposta feiura negra.

A poesia de Hughes promove uma visão positiva em defesa do eu-negro como sujeito da enunciação. Enquanto a cozinha simboliza o espaço da ocultação, o “não-lugar” que representa a exclusão do negro, sentar-se à mesa do branco torna-se um gesto simbólico de ruptura com as fronteiras impostas pela falsa “supremacia racial”. Esse ato desestabiliza a ordem estabelecida pelos brancos e propõe um lugar de igualdade entre os povos, em oposição à opressão. Esse desejo, mais tarde, seria retomado nos discursos literários dos escritores do Movimento da Negritude no *Quartier Latin*, em Paris, durante as décadas de 1930 e 1940, assim como por autores nas Américas.

Em poemas como “Justice” de 1900, Hughes questiona se realmente há justiça para todos os cidadãos, como prega o discurso hegemônico, ou se essa justiça é restrita apenas àqueles que se encaixam nos padrões eurocêntricos:

Tabela 2 – Poema Justice

That Justice is a blind goddess Is a thing to which we black are wise: Her bandage hides two festering sores That once perhaps were eyes.	Que a Justiça é uma deusa cega É algo do qual nós, negros, somos sábios: Sua venda esconde duas feridas purulentas Que talvez um dia foram olhos.
--	--

Fonte: Hughes (1995, p.14). (Tradução livre).

Segundo Silva e Valente (2012, p. 07):

Hughes evidencia nesse poema que pode até ser que a justiça realmente venha a existir, porém, para os negros, excluídos e marginalizados, essa é, muitas vezes, apenas “uma deusa cega” – “a *blind goddess*” – a quem eles têm que respeitar, mesmo não sendo beneficiados por ela em momento algum.

Chagas (2020) trata acerca dos linchamentos dos negros dos Estados Unidos e esmiuça como Langston Hughes examina de forma crítica o conceito de lar para

os afro-americanos nos Estados Unidos, no conto Home. Chagas (2020) elenca que a trama acompanha Roy Williams, um jovem que, após estudar violino com mestres europeus, retorna ao seu país de origem. No entanto, ao voltar, ele se confronta com uma realidade implacável, um destino que se assemelha ao vivido por muitos homens negros daquela época, tanto na realidade quanto na literatura: a constante luta contra a discriminação e a opressão social:

They saw Roy remove his gloves and bow. When Miss Reese screamed after Roy had been struck, they were sure he had been making love to her. And before the story got beyond the rim of the crowd, Roy had been trying to rape her, right there on the main street in front of the brightly-lighted windows of the drug store. Yes, he did, too! Yes, sir! (HUGHES, 1990, p. 48 apud CHAGAS, 2020, p.3).⁴

Chagas (2020) continua elencando que acusado injustamente, Roy é brutalmente espancado por uma multidão branca, que o humilha e o reduz a um corpo dilacerado. Ele percebe com amargura que seu destino está selado e que nunca mais verá sua mãe. Assim como os jovens escravizados, sua linhagem é interrompida. O conto expõe as marcas da negritude americana, com histórias apagadas e trajetórias destruídas pela violência e opressão.

Roy looked up from the sidewalk at the white mob around him. His mouth was full of blood and his eyes burned. His clothes were dirty. (...) He knew he would never get home to his mother now. (HUGHES, 1990, p. 48 apud CHAGAS, 2020, p.3).⁵

A expulsão de Roy Williams carrega um forte simbolismo. Para Chagas (2020) a multidão, descrita de maneira quase animalesca, o expulsa da cidade enquanto o executa. Nesse cenário, fica claro que, naquele espaço, seu corpo não era aceito nem tolerado.

Some one jerked him to his feet. Some one spat in his face. (...) And all the men and boys in the lighted street began to yell and scream like mad people, and to snarl like dogs, and to pull at the little Negro in spats they were dragging through the town towards the woods⁶. (HUGHES, 1990, p. 48 apud CHAGAS, 2020, p.4)

⁴ Eles viram Roy tirar as luvas e se curvar. Quando a Sra. Reese gritou após Roy ter sido atingido, tinham certeza de que ele estava cortejando-a. E, antes que a história ultrapassasse os limites da multidão, Roy já estava tentando estuprá-la, bem ali na rua principal, em frente às vitrines iluminadas da farmácia. Sim, ele tentou! Sim, senhor!

⁵ Roy olhou para cima da calçada e viu a multidão branca ao seu redor. Sua boca estava cheia de sangue e seus olhos ardiam. Suas roupas estavam sujas. (...) Ele sabia que nunca mais chegaria em casa, para a sua mãe.

⁶ Alguém o puxou de volta para os pés. Alguém cuspiu em seu rosto. (...) E todos os homens e meninos na rua iluminada começaram a gritar e a urrar como loucos, a rosnar como cães, e a puxar o pequeno negro de sapatos que estavam arrastando pela cidade em direção à mata.

A temática dos linchamentos é, não sem razão, recorrente na obra ficcional de Hughes e retrata a dura e triste realidade dos negros, os escritos de Hughes surgem como uma voz de crítica antes silenciada no decurso da história, agora todos podem saber da残酷 a que os negros foram expostos por longos anos.

De acordo com Souza (2006, p.199):

Esse tipo de violência oprimiu e aterrorizou os negros, usurpou-lhes a liberdade e os direitos de cidadão norte-americano, deixando os negros abandonados ao acaso das injustiças e atrocidades do ódio irracional. No entanto, o desejo inadiável de pertencer às Américas e de ser reconhecido como negro dentro das fronteiras do seu país, expresso na poesia de Langston, desqualifica categoricamente o preconceito racial do branco através da recuperação valorativa da história dos povos negros que refundaram as Américas, sem os quais o seu país jamais seria o mesmo.

O poema “*Silhouette*”, de Hughes, faz referência, em tom de protesto, a um dos casos de homicídios por enforcamento. Ele descreve o corpo de um homem negro abandonado à beira de uma estrada, pendurado em uma árvore como uma sombra na escuridão, sob o silêncio de uma noite iluminada pela lua.

SILHUETA

Gentil dama sulista,

Não desmaie.

Eles acabaram de enforcar um homem negro

Na sombra da lua. Eles enforcaram um homem negro

Numa árvore à beira da estrada

Na sombra da lua

Para o mundo ver

Como “Dixie” defende

Sua condição de mulher branca.

Gentil dama sulista,

Seja boazinha!

Seja boazinha!

(Hughes, 1994, p. 305-306)

Langston Hughes vivenciou de perto a dor da fome, o desamparo de dormir nas ruas e a realidade brutal de viver em albergues nas grandes cidades. Ao tentar realizar seu sonho de morar no Harlem, em Nova York, ele se deparou com a dura realidade de um desempregado em uma sociedade capitalista. A exclusão racial, que marginalizava os negros nos Estados Unidos, tornava a competição por empregos com os brancos quase impossível. Esse cenário se agravou ainda mais com a crise econômica pós-guerra, que afetou profundamente as grandes metrópoles e economias ocidentais. A recessão e o desemprego também devastaram os centros industriais da Europa, já abalados pela Primeira Guerra Mundial. Foi nesse contexto que Hughes tomou a decisão de partir:

BANCO DO PARQUE

Eu sentei nos bancos do Parque em Paris
Faminto.
Eu me sentei nos bancos do Parque em Nova Iorque
Faminto.
E eu disse:
Eu quero um emprego
Eu quero um trabalho
Eles disseram:
Não há empregos.
Não há trabalho.
Então eu me sentei nos bancos do parque
Faminto.
Na metade do inverno,
Dias famintos
Sem emprego,
Sem trabalho.

(Langston Hughes, 1995, p.49)

A obra de Langston Hughes reflete um profundo engajamento com questões sociais e raciais, marcada por uma crítica incisiva à segregação que privilegiava os brancos e relegava os negros a uma exclusão extrema. Hughes denunciou a

exploração e opressão impostas por leis discriminatórias que limitavam a mobilidade social de negros, indígenas, asiáticos e outros grupos marginalizados.

Essa poesia é a própria alma do mundo negro, que se amalgama à consciência do ideal de fraternidade humana para a conquista dos direitos civis, sociais e econômicos, na esperança de um dia nos sentirmos recompensados como negros e pertencermos de fato às Américas. Sem a “oposição” ou o “desprezo a outras raças” (Du Bois, 1999, p.61).

Após a abolição da escravatura, essas leis surgiram nos estados do sul dos Estados Unidos e se espalharam gradualmente por outras regiões, com o objetivo de restringir o acesso dos negros aos direitos assegurados pela Constituição americana, que prega a igualdade civil entre os cidadãos. Entre essas leis, destaca-se a “*Jim Crow*”, que institucionalizou a segregação racial e recebia o apoio violento da *Ku Klux Klan* quando contestada.

No poema narrativo “*Ku Klux*”, Hughes explora um episódio que revela o racismo, a violência e o terror racial promovidos pela organização supremacista. A partir da década de 1920, quando a *Klan* se tornou mais organizada, houve um aumento significativo de linchamentos, enforcamentos, espancamentos e humilhações contra negros. Esses atos, frequentemente cometidos por extremistas brancos, criavam um ambiente de medo e repressão. No poema, o eu-lírico negro se opõe com resistência, usando a palavra como uma arma contra a violência e em defesa dos direitos humanos, denunciando a barbárie e a opressão da *Klan*, cujos membros, ocultos sob capuzes e mantos brancos, utilizavam a força para subjugar e eliminar suas vítimas.

KU KLUX

Eles me levaram
Para um lugar deserto.
Eles disseram,
“Você acredita Na supremacia da raça branca?”

Eu disse,
“Senhor, Para lhe dizer a verdade,
Eu acreditaria em alguma coisa
Se você me soltasse.”

O homem branco disse, “Rapaz,
É possível
Que você fique aí Me provocando?”

Eles me golpearam na cabeça
 E me derrubaram
 E depois que eu caí
 Me chutaram.

Um “klansman” disse,
 “Negro, Olhe no meu rosto
 – E diga-me que você acredita
 Na supremacia da raça branca.”

(Hughes, 1995, p. 252-253)

A *Ku Klux Klan*, fundada em 1865 ao fim da Guerra Civil Americana, nasceu como uma organização racista com o objetivo de bloquear o avanço dos direitos civis dos quatro milhões de negros libertos pela abolição. Para manter seu domínio, os membros da *Klan* empregaram táticas de extrema violência, como linchamentos, castrações, destruição de propriedades e incêndios nas casas de negros que desafiavam suas regras. Esses atos de terror, caracterizados por execuções sumárias e crueldade, geraram um clima de medo e repressão. Muitos líderes negros foram brutalmente assassinados, deixando um legado de opressão e violência.

4 REFLEXOS DA POESIA DE HUGHES

A poesia de Hughes busca reescrever a história dos negros da Diáspora, tentando imprimir um novo significado ao vazio e à ausência que se instalaram nas almas dos negros com o exílio nas terras do cativeiro, quando a porta se fechou para o nosso retorno após o embarque no navio negreiro. Esse lugar desconhecido nos revela a necessidade de recuperar algo que escapou ao nosso controle. Algo que nos pertencia e ficou perdido entre mar, antes da porta, aprisionado dentro de nós.

Durante o período de opressão racial, quando o branco se considerava superior, a poesia de Langston Hughes expressa as aspirações e os desejos de liberdade e igualdade social da população negra. Ela traduz o sentimento de autoestima e a luta dos negros norte-americanos da época, antecipando, por meio de seu discurso poético, questões que se tornaram centrais nas reivindicações dos movimentos negros nas décadas seguintes.

A poesia que se inspira na tomada de consciência da negritude está duplamente vinculada à questão da identidade: ela de origina da consciência de sua perda e se desenvolve na busca de sua reconstrução. O essencial destas literaturas é precisamente sua força de resgatar as formas onde subsistem as culturas de resistência, matéria-prima para a identidade cultural. (BERND, 2003, p.16).

Hughes (1994) acreditava que o artista literário tinha o poder de se conectar com o "povo" e transmitir, de maneira autêntica, seus sentimentos, lutas e alegrias. Ao afirmar "*I am a Negro*", ele expressa seu orgulho pela sua identidade negra, mas também reconhece que sua experiência não é a mesma de todos os negros. Ele se vê como a voz de muitos, principalmente daqueles que não têm oportunidade de se expressar. Esse papel de intermediário, de dar voz àqueles que são silenciados, é uma característica fundamental da escolha de Hughes pelo dialeto como forma literária.

A busca pela afirmação da humanidade das pessoas negras, por meio de suas próprias ações, sempre foi uma constante, e não foi algo trivial. No entanto, quando essa luta passa a se entrelaçar com a arte, o poder de ressignificação emerge, oferecendo um novo entendimento sobre o verdadeiro valor da humanidade. Quando indivíduos negros são capazes de criar arte, desde a música até as artes visuais, a noção de humanidade se expande. A Estética Preta se desdobra de maneira que vai além das formas artísticas contemplativas, tornando-se uma arte com uma função prática que serve como combustível na batalha pela reapropriação da humanidade negra, seja nos territórios africanos ou em suas diásporas.

As pesquisas sobre a literatura negra revelam uma abordagem que combina arte, cultura e até mesmo uma perspectiva científica. Esse movimento se configura como uma oportunidade para corrigir um erro secular, no qual a identidade negra foi diluída devido à imposição de uma cultura europeia nos países colonizados. Esse processo, muitas vezes violento, abafou as expressões culturais de um povo e instaurou influências estrangeiras, resultando em uma aculturação das sociedades que vivenciaram a colonização.

Na literatura contemporânea, indivíduos frequentemente considerados "marginais" ou "excêntricos" têm encontrado maneiras de desafiar os padrões estabelecidos, utilizando estratégias que vão além da temática e adentram o terreno da linguagem. Esses grupos, ao se apropriar da literatura como meio de

autorrepresentação e expressão, têm reescrito suas próprias histórias, criando obras que “focam a atenção nas produções culturais de sujeitos marginalizados devido à sua raça e/ou etnia” (SMITH; WATSON, 1998, p. 24). Dessa forma, apresentam ao público narrativas que, muitas vezes, haviam sido silenciadas ou distorcidas pela perspectiva dominante.

O espaço que foi negado à presença negra na literatura revelava uma afronta imposta pela classe dominante, ao tentar excluir a identidade da raça brasileira de forma essencial. Por muito tempo, essa presença foi limitada a meros figurantes em um retrato histórico de inferioridade. Nesse contexto, o movimento da Negritude, que surgiu oficialmente na França e se espalhou pelo Ocidente, buscava destacar elementos nas representações artísticas, com o objetivo de criar uma identidade negra que fosse vista como símbolo de igualdade intelectual e social, refletindo também as reivindicações políticas em seus discursos.

Assim, à luz das reflexões apresentadas, fica evidente que a literatura desempenha um papel crucial como forma de resistência contra a desigualdade, a opressão e o preconceito que permeiam nossa sociedade. Por meio de obras que abordam questões relativas a indivíduos fora do escopo do discurso dominante, autores como Langston Hughes não apenas desafia o cânone e questiona valores estabelecidos, mas também contribue para consolidar a literatura como uma ferramenta revolucionária. Essa forma de expressão possui o poder de promover mudanças profundas em diversos aspectos da sociedade, incluindo os campos político, econômico e cultural.

O impacto de Langston Hughes na promoção da consciência social e na luta pelos direitos civis nos Estados Unidos foi profundo, especialmente no que diz respeito às questões raciais e à desigualdade social. Ao longo de sua carreira, ele usou a literatura como uma ferramenta poderosa de resistência, desafiando as normas e oferecendo uma visão autêntica da experiência afro-americana. A sua obra se destaca pela habilidade de combinar a crítica social com a celebração da cultura negra, abordando temas como o racismo, a luta por igualdade e a afirmação de identidade, enquanto denunciava a hipocrisia de uma sociedade que se proclamava democrática, mas que sistematicamente oprimia a população negra.

Através de poemas que se tornaram ícones do movimento pelos direitos civis, o autor não só questionou a marginalização de indivíduos negros, mas também os convidou a reconhecer seu valor intrínseco dentro do tecido social americano. Obras

como “*I, Too*” e “*Let America Be America Again*” trouxeram à tona a frustração de um país que se dizia fundado em princípios de liberdade e igualdade, mas que perpetuava a discriminação racial. Ao escrever sobre a segregação e a exclusão, ele deu voz a uma população historicamente silenciada, desafiando a visão dominante da sociedade sobre o papel dos afro-americanos.

Além disso, sua contribuição para o movimento dos direitos civis foi significativa, pois sua arte ajudou a criar uma base cultural que alimentaria as lutas políticas da época. Sua obra não se limitava a um protesto contra a opressão, mas também afirmava o orgulho e a importância da identidade negra. Esse sentimento de empoderamento e resistência à discriminação tornou-se uma força central dentro dos movimentos sociais que emergiram nos anos 1960, como o movimento *Black Power*. Esse movimento, que enfatizava a autonomia e a força da comunidade negra, encontrou na sua obra uma inspiração para suas próprias pautas políticas e sociais.

As ideias centrais sobre a cultura e identidade negra também influenciaram o movimento *Black Arts*, que surgiu como uma resposta criativa às condições de vida dos afro-americanos. Poetas, músicos e artistas envolvidos nesse movimento, ao reivindicarem a cultura afro-americana, reconheceram a importância de uma arte que fosse simultaneamente política e cultural. A mistura de formas de expressão como o *jazz* e o *blues* com a literatura, presente em sua obra, estabeleceu um precedente para os artistas que procuravam integrar suas raízes culturais nas formas artísticas dominantes, ao mesmo tempo em que desafiavam o racismo e a marginalização cultural.

Portanto, a obra literária que aborda as questões de raça e identidade não apenas registrou a luta contra a opressão, mas também se tornou uma plataforma de mobilização para os movimentos sociais e políticos do século XX. Seu legado continua sendo uma referência para aqueles que buscam transformar a sociedade por meio da arte e da crítica social, destacando como a literatura pode ser um campo de resistência e um motor de mudança, principalmente na busca pela igualdade racial e justiça social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Langston Hughes se destaca como uma poderosa forma de resistência à opressão, abordando a luta dos negros nos Estados Unidos contra o racismo e a segregação. Seus poemas, como "*Banco de Parque*", "*Ku Klux*" e "*I, Too*", são manifestações de uma denúncia vigorosa das desigualdades sociais e raciais, ao mesmo tempo em que projetam um futuro de esperança e igualdade. Em seus textos, Hughes não só critica a exclusão e a violência, mas também afirma a identidade e o valor dos negros, desafiando o sistema racista que os marginalizava.

O poema "*Banho de Parque*" descreve a fome e o desemprego enfrentados pelos negros nas grandes cidades, representando uma realidade de abandono social. Ao utilizar Paris e Nova Iorque como cenários, Hughes ironiza a ideia de um mundo moderno e civilizado, mas que, na prática, ainda está marcado pela discriminação racial. Já em "*Ku Klux*", o poeta denuncia a violência da Ku Klux Klan, transformando a palavra em um instrumento de resistência. O eu-lírico negro, confrontado com a violência física e psicológica, recusa-se a ceder à ideologia de supremacia branca, deixando claro que a opressão não pode silenciar a dignidade humana.

Em "*I, Too*", a poesia de Hughes se torna um manifesto de inclusão e afirmação. O sujeito lírico recusa a invisibilidade imposta pelos racistas e reivindica seu lugar na sociedade americana. A frase "*I, too, am America*" sintetiza o desejo de igualdade e dignidade, apontando para um futuro em que os negros finalmente ocupam o lugar que merecem, como parte integrante da nação. Assim, Hughes não só dá voz aos excluídos, mas também desafia as noções de cidadania e humanidade em uma sociedade que os negligenciava.

A obra de Hughes vai além de uma simples reação à opressão; ela é uma busca pela reconquista da identidade negra. Sua poesia se baseia na recuperação das raízes culturais e na afirmação do direito de existir plenamente. Ao expressar o orgulho da negritude, ele rejeita a visão dominante que tentava apagar a história e a cultura dos negros, propondo uma reinterpretação da Diáspora africana e do exílio forçado. Hughes, como porta-voz da luta por liberdade e igualdade, conecta-se com o povo, tornando-se um mediador que traz à tona as questões mais profundas e, muitas vezes, silenciadas.

A literatura de Hughes, além de se constituir como um meio de expressão e resistência cultural, se transforma em um motor de mudança social. Ao abordar temas como a exclusão e o racismo, ele influenciou movimentos políticos e culturais,

como o Black Power e o Black Arts Movement, que buscavam afirmar a cultura negra e criar um espaço de autonomia e respeito dentro da sociedade americana. Sua obra não se limita a um protesto contra a opressão, mas também reivindica o orgulho e a dignidade dos negros, fortalecendo o movimento por direitos civis.

Ao longo de sua carreira, Langston Hughes usou a literatura como uma ferramenta de transformação social. Seus poemas não apenas questionam a hipocrisia de uma sociedade democrática que marginalizava seus cidadãos negros, mas também oferecem uma nova perspectiva sobre a identidade e o papel dos negros na construção do país. Ele contribuiu para a formação de uma identidade negra coletiva que, através da arte, desafia as estruturas racistas e promove a justiça social.

Portanto, a obra de Hughes é um reflexo da luta contra a opressão racial e da busca por igualdade. Ele usou a poesia como uma ferramenta de resistência, não apenas para expor a brutalidade do racismo, mas também para afirmar a importância da identidade negra e o direito à dignidade humana. Seu legado permanece relevante, não apenas como uma denúncia histórica, mas também como um contínuo convite à reflexão e à ação contra o racismo e a injustiça.

Hughes não se limitou a denunciar as injustiças raciais em suas obras; ele também deu voz aos negros marginalizados, muitas vezes invisíveis na literatura dominante. Em poemas como "*I, too*", ele confronta a exclusão social e reivindica um futuro de igualdade, afirmando sua legitimidade como cidadão e ser humano em uma nação que o negava. Essa obra, em particular, expressa de forma contundente a resistência do negro contra o racismo institucionalizado, destacando a visão de um futuro em que a segregação racial é superada e os negros ocupam seu lugar na sociedade de maneira plena e digna.

Além disso, Hughes se destacou por usar a língua e as expressões culturais negras em sua poesia, o que foi uma forma de subverter as normas literárias estabelecidas, muitas das quais refletiam e perpetuavam a visão colonizadora e racista da cultura branca.

Ao empregar o dialeto e os ritmos da música negra, como o jazz e o blues, Hughes não apenas resgatou elementos da cultura afro-americana, mas também usou essas formas para criar uma literatura genuinamente representativa dos sentimentos e experiências da população negra. Isso foi um ato de resistência

contra os estereótipos raciais que viam os negros como inferiores, mostrando, por meio da arte, a riqueza e complexidade de sua cultura.

Em resumo, a literatura de Langston Hughes desempenhou um papel fundamental na promoção da consciência social e na luta pelos direitos civis nos Estados Unidos, especialmente nas décadas de 1920 e 1930, quando o país enfrentava um forte sistema de segregação racial e desigualdade social. Suas obras não apenas refletiram as realidades da opressão vivida pelos afro-americanos, mas também desafiaram diretamente as estruturas legais e sociais que sustentavam a discriminação racial, como as leis de segregação e as práticas de Jim Crow. Através de sua poesia e prosa, Hughes valorizou a cultura afro-americana, questionou as injustiças sistêmicas e promoveu uma identidade de resistência.

Sua literatura, além de ser um meio de expressão artística, tornou-se uma ferramenta poderosa na conscientização política e na formação de um movimento por direitos civis, incentivando os afro-americanos a se engajarem ativamente na luta por igualdade e dignidade. Assim, Hughes não apenas documentou a realidade social da época, mas também a contestou, contribuindo de forma decisiva para a transformação das estruturas sociais e legais nos Estados Unidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERND, Zilá. **Literatura e Identidade Nacional**. Editora da UFRGS, 2 ed.2003.
- BROOKSHAW, David. **Raça & cor na literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- CARDOSO, A. História, “Arte e Resistência: ‘**Harlem Renaissance and Black Representation in American’s Art at the Beginning of the 20th Century**’”. In: Anais ANPUH História e Democracia, São Paulo, 2018.
- CHAGAS, Gabriel. **Voltando para casa, não consigo respirar: pensando os linchamentos racistas no sul dos Estados Unidos a partir da Literatura de Langston Hughes**. IPOTESI (JUIZ DE FORA. ONLINE), v. 24, p. 65, 2020
- DU BOIS, W. E. B. **The souls of black folk**. Chicago: A.C. McClurg, 1903.
- DURAO, G. “**O Renascimento do Harlem – Panafricanismo e a Luta Contra a Inferioridade Racial (1920-1930)**”. In: Anais do SILIAFRO, n° 1, 2012, p. 294.
- HALL, Stuart. **Cultura e identidade: as políticas da representação**. São Paulo: Editora UNESP, 1996.
- HUGHES, Langston. **I, Too**. Tradução de Abgar Renault. In: RENAULT, Abgar (Org.) Poesia: tradução e versão. Seleção, tradução, versão e introdução. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- HUGHES, Langston. **The ways of white folks**. New York, Vintage classics, 1990.
- HUGHES, Langston. **The collected poems of Langston Hughes**. Arnold Rampersad, editor, David Roessel, associate editor. — 1st ed. New York, First vintage classics edition, 1995.
- JOHNSON, Charles. **Du Bois e o Renascimento do Harlem: uma história de uma visão crítica**. Nova York: Oxford University Press, 1998.
- LEWIS, David Levering. **W.E.B. Du Bois: a biography**. New York: Henry Holt, 2009.
- LOCKE, A. “**The New Negro**”. In: LOCKE, A. (ed) **The New Negro (1925)** New York: Touchstone Books, 1999, p. 136.
- SANTOS, Luis Carlos Ferreira dos; CONCEIÇÃO, Bruna. A ancestralidade e a ressignificação da arte frente ao Renascimento do Harlem. Enunciação - **Revista do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRRJ**, v. 5, p. 98-111, 2021.
- SILVA, Luciana de Mesquita; VALENTE, Marcela lochem. **A literatura como instrumento de revolução: a poesia de Langston Hughes e Grace Nichols**. Literatura em Debate (URI), v. 6, p. 42-54, 2012.

SMITH, Sidonie; WATSON, Julia. **Introduction: Situating Subjectivity in Women's Autobiographical Practices.** In: _____ (Eds.). Women, Autobiography, Theory: A Reader. Madison: University of Wisconsin Press, 1998. p. 3-56.

SOUZA, Elio Ferreira de. **Poesia negra das Américas: Solano Trindade e Langston Hughes.** 371 páginas. Tese de Doutorado da Área de Letras, da Universidade Federal de Pernambuco. Recife/PE: O Autor, 2006.

TYLER, Bruce M. **From Harlem to Hollywood: The Struggle for Racial and Cultural Democracy – 1920-1943.** New York: Garland, 1992.